

O tempo de Karl Marx: as bases filosóficas da concepção materialista da história

Giselda Brito Silva¹

Resumo: Neste trabalho nos interessamos por reafirmar a importância do tempo de Karl Marx para uma compreensão das condições de produção da concepção do *Materialismo Histórico*. A preocupação se deve a que, apesar de muito se ter falado de Karl Marx, ainda temos observado que ele tem sido lido e comentado de forma insegura e, muitas vezes, de forma inadequada pelos jovens estudantes de História e das Ciências Humanas e Sociais que chegam na área numa época de muitas discussões, desconstruções e dispersões de seu pensamento e do lugar histórico do marxismo.

Palavras Chaves: Karl Marx, Tempo, Materialismo Histórico

Abstract: In this work we are interested to reaffirm the importance of time of Karl Marx to an understanding of the conditions of production of the Conception of Historical Materialism. The concern is because, although much has been spoken of Karl Marx, we also noticed that it has been read and commented in an unsafe manner and often inappropriately by young students of history and the human and social sciences that arrived in the area in a time of many discussions, deconstructions and dispersions of his thought and the historical place of Marxism.

Key Words: Karl Marx, Time, Historical Materialism

Abstracto: En este trabajo estamos interesados en reafirmar la importancia del tiempo de Karl Marx a la comprensión de las condiciones de producción de la Concepción de materialismo histórico. La preocupación se debe a que, aunque mucho se ha hablado de Karl Marx, también notamos que se ha leído y comentado de manera insegura y, a menudo inapropiadamente por jóvenes estudiantes de la historia y de las ciencias humanas y sociales que llegado a la zona en una época de muchas discusiones, desconstrucciones y dispersiones de su pensamiento y el lugar histórico del marxismo.

Palabras clave: Karl Marx, Tiempo, el materialismo histórico

Artigo recebido em 26/08/2014 e aceito em 27/09/2014

**O TEMPO DE KARL MARX: AS BASES FILOSÓFICAS DA CONCEPÇÃO MATERIALISTA
DA HISTÓRIA
GISELDA BRITO SILVA**

Ernesto Mandel^{II}, com grande percepção e conhecimento, já disse que “para entender o marxismo é preciso antes de tudo situá-lo em seu contexto histórico; é preciso entender quando ele nasceu e como surgiu; é preciso explicar seu aparecimento e desenvolvimento pela ação das forças sociais: sua natureza econômica, seus interesses, sua ideologia, as personalidades que articularam suas aspirações”. Esta reflexão pode não parecer novidade para muitos, contudo, ainda é pauta de muitas questões e dúvidas entre os jovens estudantes de história.

Entre eles, temos observado uma constante insegurança, incertezas e mesmo utilizações inadequadas e desvios conceituais, transposições de sentidos entre o tempo de Marx e o tempo presente, que terminam por prejudicar uma melhor compreensão da contribuição do marxismo em nosso tempo. Disso também resulta que o marxismo, apesar de ainda se apresentar como um amplo campo conceitual e teórico para os estudos históricos, envolvendo temas ainda muito atuais e pertinentes a nosso tempo, termina por se constituir como um campo de embates e incompreensões em torno da crise paradigmática que tanto lhe atingiu no âmbito do sentido da história.

Portanto, estas questões nos parecem muito atuais e pertinentes porque ainda que se alertem sobre o que de fato está em crise, sobre as necessidades de se situar historicamente Marx e os vários perfis de marxistas, há muitas dúvidas sobre como ler, compreender e mesmo utilizar a abordagem do Materialismo Histórico na Iniciação Científica e nos trabalhos acadêmicos.

Por outro lado, estas necessidades apontam para carências de conhecimentos do tempo de Karl Marx, da formação do pensamento marxista, enquanto campo filosófico, político e metodológico. Isso porque muitas incompreensões vêm de leituras acumuladas de interpretações e reinterpretções sobre o pensamento de Marx e sua proposta conceitual que se tornaria a base do Materialismo Histórico no século XX, fornecidas por marxistas de diferentes posições e mesmo pelos seus críticos.

Tanto uma posição como a outra contribuem pouco para os iniciantes dos estudos históricos que precisam conhecer a abordagem marxista da história nas condições que foram gestadas. E que, muitas vezes, pela forma como são apresentadas - sem as considerações históricas entre o tempo de Marx e as mudanças que teriam levado à crise do marxismo - vem repercutindo para certo desânimo dos jovens estudantes, que preferem não adentrar numa abordagem alvo de tantas querelas, optando por escolherem outros caminhos de abordagens para seus estudos e pesquisas históricas, considerados mais “aceitos” na área da História, a exemplo da Escola dos Annales. Há também, do outro lado, alguns posicionamentos, considerados radicais porque procuraram a todo custo manter o marxismo como a única abordagem histórica ainda válida, capaz de dar conta de uma explicação histórica, impondo aos novos estudantes de história muitas das suas próprias ideologias e verdades construídas em torno do marxismo, de forma desavisada e fragmentada, desconsiderando também o tempo de Marx e do marxismo.

Entre uma posição e outra, estabelecemos ampla simpatia com Ernesto Mandel, que a nosso ver, consegue situar de forma apropriada “o lugar do marxismo na história”. Mandel nos apresenta argumentos importantes para uma maior compreensão do marxismo e seu lugar na história a partir de Marx. Lembra ele que, as ideias que vão consolidar o pensamento de Marx são próprias do movimento da história a partir do século XVI, com o aparecimento do capitalismo, da revolução francesa e que impõe uma nova mentalidade ideológica e cultural profundamente ligada às modificações radicais da vida cotidiana, quando é visível um sentimento de que “tudo muda

**O TEMPO DE KARL MARX: AS BASES FILOSÓFICAS DA CONCEPÇÃO MATERIALISTA
DA HISTÓRIA
GISELDA BRITO SILVA**

rapidamente”. É como ele diz, um tempo de dúvidas, de questionamentos dos ‘valores estabelecidos’, do exame crítico...”.^{III} No final do século XIX, o clima de “verdadeira luta de classes, com grandes combates sociais e políticos, verdadeiras revoltas e revoluções”,^{IV} permitem que Marx conviva com um campo fértil para proposições revolucionárias e que chegam ao século XX com grande força de possibilidades transformadoras nos ambientes acadêmicos das humanidades, cujos objetos de explicação e análise são os problemas sociais. Observem-se que, nossa proposta também não é dar conta da história do marxismo, nem discutir a modernidade, nem sua crise. A proposta é retomar leituras do momento histórico de formação das bases políticas, filosóficas, metodológicas e conceituais da concepção materialista da história na forma como foi proposta por Marx em seu tempo.

Para comentar Marx e seu tempo, escolhemos além do próprio Marx, autores e obras publicados pelas Edições Progresso^V e Edições “Avante!”^{VI}, e que se dedicaram a reafirmar e divulgar o pensamento e as obras de Marx não apenas no campo teórico, mas, principalmente, a relatar como o percebiam no campo prático de lutas e engajamentos sociais em seu tempo. São, portanto, obras de abordagens marxistas e de militantes que também viveram a época em que ele foi elaborando suas ideias. Observe-se também que, pela historicidade de seus escritos, são obras que já se constituem como fontes históricas, ainda que constituam um campo interpretativo próprio de seus lugares de proximidade com Marx e suas ideias.

Algumas obras aqui consultadas e comentadas foram organizadas pelo Instituto de Marxismo-Leninismo, sob a colaboração de autores como P.N. Fedosseiev (diretor) I.A. Bakh, L. I. Golman, N.I. Kolpinski, B.A. Krilov, I.I. Kuzminov, A.I. Malich, V. G. Mossolov, E. A. Stepanova, e que participaram como organizadores da obra “*Karl Marx: Biografia*”, publicada na década de 1980, quando vivíamos momentos de transição da ditadura para uma certa abertura de possibilidades de leituras do marxismo no Brasil. Trata-se de uma coletânea que nos permite relativo contato com o pensamento e a época de Marx a partir daqueles que compactuavam com sua visão de mundo e de ideologia. Lembramos, ainda, que muitas obras apontadas como de sua autoria de Marx são na realidade obras organizadas por companheiros com os quais ele conviveu nos tempos de construção das bases do materialismo histórico.

Outros autores e obras que completam as referências para uma compreensão histórica de Marx e seu tempo são: a *Concepção Materialista da História*, de Plekhânov, *A Moderna Economia Política*, de Oscar Lange e as obras sugeridas como de autoria do próprio Marx: “*O Capital*”, “*O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann*”, “*A Ideologia Alemã*”, “*Para a Crítica da Economia Política*”, “*Manuscritos Econômicos Filosóficos*”. De Frederick Engels, destacamos “*A origem da Família, da Propriedade Privada e da Família*” e comentários sobre a amizade entre eles. Eles são autores e obras que consideramos importante para uma compreensão do tempo de Marx e da forma como ele viveu a história que acreditava estar constituindo um campo de saber.

Através destes referenciais pretendemos mostrar como suas ideias e escritos foram sendo alimentados cotidianamente pela realidade que o cercava e pelas leituras históricas que ele procurava cada vez mais conhecer para refinar seu campo teórico e prático. É importante destacar que Marx tinha horror à filosofia contemplativa e passiva, levando-o a ser um crítico constante de Hegel, de Feuerbach e outros. Mas, também não podemos perder de vista que esta era também uma postura própria da sua época, considerando-se ainda que ele não era o único representante da ideologia da *práxis*, como se sabe.

**O TEMPO DE KARL MARX: AS BASES FILOSÓFICAS DA CONCEPÇÃO MATERIALISTA
DA HISTÓRIA
GISELDA BRITO SILVA**

Um dado relevante é que Marx viveu cada momento que registrou no âmbito teórico. Ele foi observando na própria história a validade ou não de suas teses, assim como outras teses que retomava para confronto com as suas com base em dados da realidade por ele observada. Tanto em sua cidade como em outras da Europa onde viveu (Prússia, Paris, Bélgica, Londres) ele procurou perceber de perto as situações das classes operárias e a característica da burguesia rural e industrial em ascensão. Enfrentou a censura e a perseguição do Estado prussiano, francês e belga; conflitou com grupos e personalidades socialistas, particularmente os defensores do “socialismo verdadeiro”, debatendo com os utópicos, com os hegelianos. Também conheceu de perto, e através de diálogos com Engels, a vida operária inglesa e as condições que levavam às lutas, às greves. Observou de perto a situação da classe operária francesa e, principalmente, neste ambiente se dedicou a conhecer a história da revolução francesa e seus desdobramentos até o século XIX. No âmbito pessoal, ele também viveu o processo de unificação alemã e a transição feudal para o sistema capitalista, assim como a ascensão da burguesia industrial alemã em comparação a outras. É importante destacar que ele também contou com apoio financeiro de burgueses que financiavam as revistas e jornais nos quais ele circulava suas ideias, ao mesmo tempo em que se articulava com intelectuais de esquerda que apoiavam sua meta de tornar a luta operária um movimento internacional. Sobre a situação da classe burguesa em sua época é relevante que se estabeleça um estudo à parte das diferentes situações na Europa e que também não trataremos aqui em função dos limites e objetivos propostos.

Retomando o âmbito pessoal, consideramos que já é bastante conhecida a sua origem familiar e social. Por outro lado, é importante destacar que Marx nasceu em maio de 1818, e viveu sua infância na Renânia, região alemã que sofreu mais do que outra parte da Alemanha as influências da *Revolução Francesa*. O que o teria levado a acompanhar e a compreender como ocorreu a vitória dos revolucionários franceses, o levantamento dos camponeses e as ações dos democratas alemães, inspirados nas ideias jacobinas de liberdade, igualdade e fraternidade. No período, a região ficou ligada à República Francesa e, depois, ao Império Napoleônico, quando então ocorreram as lutas pela derrubada do regime feudal. Grande parte da grande propriedade latifundiária e eclesiástica foram liquidadas e os privilégios feudais abolidos, transformando a região num espaço industrial. No Congresso de Viena, de 1815, contudo, a região voltou a pertencer à Prússia feudal e absolutista. E, os aristocratas rurais (os Junkers) voltaram a ter seus privilégios, o que tornou a região um centro de conflito entre a velha classe dominante e a burguesia em ascensão e acusada no seu desenvolvimento com o retorno do velho regime. Como país de base econômica agrária, a Prússia ainda ficava atrás da Inglaterra e da França, com um desenvolvimento industrial perpassado por relações camponesas semifeudais, sob o controle dos grandes latifundiários. A pequena burguesia urbana era composta de artesãos e comerciantes que ficavam abaixo daquela classe.

As transformações econômicas e políticas na Alemanha, contudo, a levam para uma revolução burguesa nos anos 1820-1830 e que se consolidam com a Unificação Alemã na primeira metade da década de 1830. Nascido em 1818, Marx é filho de uma família que possuía condições financeiras e que viveram de perto estas transformações. Seu pai era um jurista e advogado no *Tribunal da Relação*, era adepto das ideias liberais, conhecia os pensadores mais representativos do século XVIII. Com elas, orientou a educação intelectual de Marx.

**O TEMPO DE KARL MARX: AS BASES FILOSÓFICAS DA CONCEPÇÃO MATERIALISTA
DA HISTÓRIA
GISELDA BRITO SILVA**

Em 1835, ainda no início da unificação alemã, Marx se inscreveu na Faculdade de Direito na Faculdade de Bonn, Alemanha. Nesta permaneceu apenas por dois semestres, indo para a Universidade de Berlin, onde se inscreveu novamente na Faculdade de Direito, para continuar estudando jurisprudência, sob a influência das ideias liberais. Foi nesta Universidade que Marx se juntou a um grupo de estudiosos de *Hegel*, que havia falecido em 1831, para debater suas ideias. Hegel era o centro do debate na época e o grupo de Marx não era o único a discutir suas ideias. Elas circulavam entre todos os grupos, inclusive entre os defensores ortodoxos da religião. Também Marx, obviamente, vai se interessar pela filosofia hegeliana paralelamente à filosofia antiga.

Neste momento, ele também conheceu a obra de *Feuerbach* “A essência do Cristianismo” que era muito influente na época, numa linha mais iluminista. Feuerbach era considerado na época como o primeiro filósofo a ultrapassar o idealismo hegeliano. Criticava a religião e defendia o materialismo que, segundo ele, existia independente da consciência humana, sendo eles próprios produtos da natureza. Uma de suas frases mais comentadas pelos marxistas é: “Fora da natureza e do homem nada existia”. Marx interessou-se pelas suas ideias, mas, criticava sua posição contemplativa e o fato de Feuerbach subestimar a dialética, principal ideia da metodologia de Marx, construída a partir daquilo que considerada importante da filosofia hegeliana, também retirando-se seu viés abstrato e espiritual já que seu foco era despertar para a importância da prática. Feuerbach, por outro lado, também foi importante para Marx. Depois do doutorado ele se juntou a ele para publicar artigos sobre o *Ateísmo*, visando combater as ideias dos hegelianos de direita.

Sua militância, contudo, teve que enfrentar outros problemas além dos embates filosóficos com os hegelianos, particularmente nas suas posições contra as velhas monarquias. Na Prússia, todos esperavam que o rei Frederico-Guilherme IV, que subiu ao trono em 1840, assumisse uma posição liberal. Entretanto, este não apenas não fez reformas constitucionais, como ainda desencadeou e combateu qualquer crítica à monarquia prussiana com repressão. Seu parceiro de ideias, Bauer, foi afastado da Universidade de Bona e outros acusados de traição. Marx se levanta em defesa dos amigos e de suas ideias, posicionando-se como combatente da repressão da monarquia prussiana, acusando as instituições do Estado de bases feudais e absolutistas reacionárias e atrasadas. Escreveu artigos de combate ao regime, mas, a censura só permitiu que viessem a ser publicados em 1843 na Suíça.

Enquanto enfrentava a censura, paralelamente, Marx continuava escrevendo em vários jornais, divulgando suas ideias contra as monarquias absolutistas e feudais. E, ao mesmo tempo, ia reformulando as ideias provenientes da Revolução Francesa em relação ao papel da verdadeira classe revolucionária, propondo que no lugar da burguesia assumisse a classe dos operários, em função do que ia observando nos comitês de lutas contra a burguesia industrial. Para Marx estava claro que os problemas do velho regime seriam repetidos pelo capitalismo, devendo a luta continuar até um estágio de liberdade do trabalhador.

Outro alvo de suas ideias revolucionárias era o Estado. Em 1842, ele defendia em jornais hegelianos, de linha democrática, como o dos irmãos Bauer, Hess e Köppen, alguns pontos de vista liberais que incorporavam estas novas interpretações acerca do Estado e do capitalista. Neste mesmo período, também publicou no *Jornal da Gazeta Renana*, que circulava em toda a Alemanha e no estrangeiro, sobre o absolutismo prussiano e seus ideólogos, considerados por ele como retrógrados.

**O TEMPO DE KARL MARX: AS BASES FILOSÓFICAS DA CONCEPÇÃO MATERIALISTA
DA HISTÓRIA
GISELDA BRITO SILVA**

Marx também participava de várias reuniões no *Jornal da Gazeta* sobre os temas dos problemas sociais no mundo. Através da divulgação do jornal para outras cidades, ele também passou a se corresponder com outros que compactuavam de suas visões de mundo. É neste período que ele passa a receber as correspondências de Engels, que enviava seus artigos da Inglaterra, abordando a dura realidade dos operários nas fábricas e ampliando o pensamento de Marx em relação a esta classe e seu papel revolucionário. O que reforçava sua tese da necessidade de atingir certas etapas como condição para a transição de novas realidades sociais, baseadas em novas organizações e relações sociais. A *Gazeta da Renana* se tornou, assim, porta-voz das ideias democráticas em várias partes da Alemanha, exportando-se para outras nações. Segundo depoentes da *Biografia* de Marx, em 1843, o número de assinantes cresceu visivelmente de tiragem e as ideias de Marx já eram bastante conhecidas em vários lugares.

Na Prússia, contudo, o jornal começou a inquietar o governo, que deu início a forte repressão. Um ano antes, em 1842, Marx já se queixava que tinha que suportar, de manhã e de noite, as piores perseguições da censura, as papeladas ministeriais, as reclamações do primeiro-presidente, as queixas das assembleias, os gritos dos acionistas. Alertava, contudo, que a repressão não iria parar seus objetivos. E, dizia: “que permanecia no seu posto porque considerava seu dever fazer fracassar os desígnios do poder”.

Acusa o Estado prussiano de se tornar laçao dos proprietários das florestas, escravo do interesse privado e hostis aos interesses do povo.^{VII} (p.41) Em seus textos ele afirmava que a causa da miséria do povo prussiano era o próprio regime, sua máquina burocrática e a falta de interesses nos problemas sociais. A partir daí, passa a sofrer mais repressão, a censura vinha de vários lados, inclusive dos financiadores burgueses. Em janeiro de 1843, ele denunciava que: É mau desempenhar tarefas servis mesmo pela liberdade e batermo-nos com alfinetes em vez de mocas. Fiquei cansado de hipocrisia, da estupidez, da autoridade bruta e da nossa flexibilidade, da [nossa] maleabilidade, do nosso voltar as costas e [das nossas] querelas de palavras”. (p.44)

Em abril de 1843 o governo prussiano fecha o jornal. Marx recolhe assinaturas na Renânia, em Colônia Mosela e outros lugares, conseguiu mais de três mil, para uma petição a ser encaminhada ao rei da Prússia, acreditando poder pressionar uma nova posição. Entretanto, os burgueses da Renânia que financiava o Jornal não tinham interesse em enfrentar uma briga com o rei. Marx, então, pede afastamento do jornal e deixa o país.

Momento de mudanças de suas abordagens

A experiência do *Jornal Gazeta Renana* lhe promoveu a ampliação das ideias sobre a revolução e a mudança de posição do idealismo para o materialismo. Engels escreve em uma de suas obras que Marx teria, neste momento, percebido que em sua ocupação com a *Lei do roubo de madeira* e a análise da *situação econômica do camponês de Mosela* tinha percebido a importância de refletir as relações econômicas. Neste momento, começa a introduzir a abordagem materialista nas ideias socialistas, dando novo destaque para a base econômica nas suas análises.

Como consequência de suas experiências com os enfrentamentos político-ideológicos com o estado prussiano, ele também passa a perceber e a defender a importância de se mudar os regimes através da luta real e não da troca e divulgação de ideias. Neste momento, ele sai visivelmente de uma *Concepção Idealista da sociedade e*

**O TEMPO DE KARL MARX: AS BASES FILOSÓFICAS DA CONCEPÇÃO MATERIALISTA
DA HISTÓRIA
GISELDA BRITO SILVA**

do Estado para uma abordagem revolucionária do mundo. Uma de suas certezas, neste momento, e incorporadas em seus artigos era a incompatibilidade de um regime monárquico com as ideias democráticas.

Retomando as teses de Feuerbach, *Teses Provisórias para uma Reforma da Filosofia*, Marx reafirma sua crítica o idealismo de Hegel e embasa suas ideias sobre o materialismo. Como princípio metodológico para estabelecer a crítica a Hegel, Marx publica um Manuscrito “*Para a Crítica da Filosofia do Direito em Hegel*”, ao mesmo tempo, em que revia algumas ideias de Feuerbach. Neste *Manuscrito*, Marx defende sua *noção de democracia*, entendida como “um regime social digno do homem e a autodeterminação do povo [...], os interesses do povo não deveria ser um brinquedo nas mãos de forças por ele mesmo criadas”.

Este é um momento em que a História ganha para ele uma importância fundamental. Marx compreende, neste momento, que o problema da relação entre a sociedade e o Estado só seria resolvido com um estudo aprofundado da história da sociedade. Estes estudos se encontram nos cinco “*Cadernos de Kreuznach*”, onde ele estuda a teoria e a história do Estado. Seus estudos históricos se voltam para a história da Inglaterra, da Alemanha, dos Estados Unidos, da Itália e da Suécia. O tema predileto, contudo, permanece a *Revolução Francesa de 1789*, particularmente o livro do historiador alemão Wilhelm Waschmuth. Para ele, esta história era representativa e muito próxima do que acontecia na Prússia. E, a partir da Revolução Francesa, se interessa por aprofundar a obra de Maquiavel e os iluministas franceses, Montesquieu e Rousseau e outros. Estas leituras e autores foram comentados por Engels que encontrou seus nomes em vários índices de matérias deixados por Marx. (p.51)

Seus estudos históricos tomam, então, uma posição retrospectiva do caráter das revoluções anteriores à 1789, de modo a estabelecer um estudo comparado e buscar as explicações para sua “história de movimento explicativo”. Estes estudos permitiram que ele saísse do campo utópico e estabelecesse um campo de preocupação com *as relações materiais de vida e de histórias passadas concretas*.

Após ter saído da Prússia, por conta das perseguições, ele passa a viver em Paris, onde se dedica a uma nova revista e mais perto das ideias e fatos provenientes da Revolução Francesa. Na capital francesa, ele encontra as condições para reformular muitos dos seus pensamentos ainda no campo filosófico para uma abordagem definitivamente “Materialista da História”. Também em Paris ele entra em contato com as organizações operárias e estabelece acordos com suas diretorias sobre os interesses do proletariado. Em 1844, ele escreve a Feuerbach dizendo que “teria de ter assistido a uma das reuniões de operários franceses para poder acreditar na frescura virginal e na nobreza que irradia destes homens esmagados pelo trabalho...Em todo caso, porém, a história prepara, entre eles ‘bárbaros’ de nossa sociedade civilizada, o elemento prático para a emancipação do homem” (p. 65) Segundo Engels, teria sido em Paris que Marx se voltou com mais profundidade para o estudo da “economia política”, dos socialistas franceses e da história da França, prestando mais atenção ao desenvolvimento preliminar do sistema capitalista implantado na França e, nesta, as lutas de classes que surgiam.

No outono de 1844, o governo prussiano, que mantinha a perseguição a suas ideias que circulavam em várias partes do mundo, procurou o governo francês para proibir os jornais que criticavam seu governo. Entre um acordo e outro, e os medos das classes proprietárias com a ascensão das ideias socialistas e comunistas, o governo francês, aproveitando-se de um atraso no pagamento do jornal prendeu o chefe da

**O TEMPO DE KARL MARX: AS BASES FILOSÓFICAS DA CONCEPÇÃO MATERIALISTA
DA HISTÓRIA
GISELDA BRITO SILVA**

redação e expulsou vários colaboradores, entre eles Marx. Em fevereiro de 1845, Marx vai para Bruxelas.

A partir daí tem início uma outra fase de construção das ideias da concepção materialista da história. Marx passou a atuar ativamente junto a elementos de vanguarda do proletariado, ajudando a fundar o Partido Internacional do Proletariado. Contribuíram também para esta nova fase de Marx “*A Revolução Burguesa de 1830*” e o crescimento industrial em várias partes da Europa, sob a liderança da Inglaterra. Sua temporada na Bélgica e a proximidade com os operários belgas, as observações dos salários miseráveis, a jornada de trabalho, a mão-de-obra feminina e infantil em larga escala, inclusive nas minas, contribuíram para alargar suas certezas de uma abordagem materialista da história, tomando-se a luta de classes e a base econômica como centro de suas atenções. O desemprego e as péssimas condições de trabalho nas fábricas vão compor matéria para novas ideias de Marx e seu lugar em abordagens da História. As perseguições do governo de Bruxelas, que colocava sempre a polícia para vigiar seus passos, também a perseguição do governo da Prússia, que conseguiu expulsá-lo da França, davam subsídios para seus estudos para uma Teoria do Estado.

Sua concepção de pátria e cidadania se reformulam. E, em dezembro de 1845, Marx renuncia a sua cidadania prussiana como forma de se ver livre da perseguição. Mas, em seus manuscritos, com os quais passa a ganhar a vida, mantém a circulação de suas ideias, agora também ampliadas contra as falsas ideias produzidas pelos que usavam a pátria para manter a dominação do povo. Nesta nova etapa, sua casa foi transformada em *clube de ideias políticas* com apoio de sua esposa, Jenny, que lhe encorajava as ideias e também participava dos debates. Segundo Engels, a sua fama de *pensador revolucionário* o perseguia, proporcionando-lhe ampla visibilidade e citações entre escritores e pensadores de várias partes do mundo. Ainda segundo Engels, quando Marx viu sua nova obra [*A situação das classes trabalhadoras na Inglaterra*] (p. 95) dissera ter adquirido mais argumentos para suas ideias materialistas. Neste mesmo *Caderno de apontamentos*, comentado por Engels, Marx teria tomado várias teses e ideias para esboçar as bases de sua visão de mundo, havendo contribuições de vários lados, apesar de entre elas também combater as posições contemplativas.

No ano de 1847, resultado de má colheita de cereais e de batata em vários países da Europa, Marx observa um grande número de agitação em torno da crise econômica que atingia a França, a Alemanha, a Bélgica, os EUA e a Inglaterra, onde a crise era mais grave. Entre 1845 e 1847, a Irlanda também se destacava pela fome, consequência de uma doença da batata. Da Prússia Oriental à Normandia e até a Bretanha ocorreram motins pelo pão. Os operários franceses entraram em greve. A ira dos trabalhadores era dirigida à nobreza feudal, à burocracia, às camarilhas das cortes dos países onde ainda sobreviviam as bases feudais e o absolutismo (Prússia, Áustria, Itália). Nas Monarquias burguesas, França e Bélgica, os trabalhadores se dirigiam à aristocracia financeira, que monopolizava o poder. Neste clima, os representantes da democracia liberal começam a mobilizar os trabalhadores. Os representantes das ideias do socialismo utópico começavam se organizar em reuniões. Os temas de libertação de povos oprimidos intensificassem em vários países da Europa. O domínio austríaco no norte da Itália se torna impopular. Na Inglaterra crescia o cartismo (uma carta do povo). Também crescia na Rússia a propaganda do socialismo utópico.

Marx e Engels já são bastante conhecidos. Eles se mobilizam em defesa do Partido do Proletário, sob a defesa do papel histórico do proletariado e a certeza de uma transformação revolucionária da sociedade a partir da organização e luta do

**O TEMPO DE KARL MARX: AS BASES FILOSÓFICAS DA CONCEPÇÃO MATERIALISTA
DA HISTÓRIA
GISELDA BRITO SILVA**

proletariado. Outros grupos já defendiam estas ideias, mas, Marx e Engels defendem que o Partido do Proletariado deveria ser uma organização internacional, envolvendo ações e unificação de todos os operários, já que em cada país os grupos eram dispersos e desorganizados.

Passam a defender a ideia de que cada país deveria organizar seu Comitê sob a orientação do Comitê Central. Em 1846, Marx e Engels criaram, então, o núcleo central de Bruxelas junto com outros membros. Inicialmente, a meta era a propaganda comunista em panfletos a serem divulgados em vários países. Neste ano, Marx e Engels se convencem da importância da militância ao lado do trabalho ideológico, de orientação da luta. Neste momento, surge “A Ideologia Alemã”, onde combatem as ideias do “socialismo verdadeiro”, proposto por vários ideólogos, que também orientavam os trabalhadores. Para Marx, a falta de maturidade dos operários facilitava a propaganda dos ideólogos do *socialismo verdadeiro*, que ignoravam o caráter *Progressista* do desenvolvimento do capitalismo e estavam convencidos de que a Alemanha podia e deveria dar o salto comunista sem passar pelo estágio capitalista. Era preciso uma contra resposta para o “socialismo verdadeiro” que se tornava reacionário, ignorando as sobrevivências do feudalismo na Alemanha que dificultava o avanço da luta operária.

Uma das críticas de Marx era a incapacidade dos adeptos do “socialismo verdadeiro” explicar os fenômenos sociais e a superficialidade de suas ideias econômicas. Para ele, eles ignoravam o elemento *revolucionário*, negavam o caráter progressista do capitalismo, particularmente as formas de produção pré-capitalistas e não compreendiam o caráter progressivo da história.

De 1844 a 1848, suas teses procuram discutir “*o papel determinante das forças produtivas no desenvolvimento da sociedade, ligada a dialética entre as forças produtivas em desenvolvimento e as relações de produção, dependências de todas as instituições e de todos os fenômenos sociais, incluindo a esfera das ideias, do modo de produção*”. [cf. A Ideologia Alemã]. Também importante deste período são os “*Manuscritos Econômico-Filosóficos*” de 1844. Neste, a tese central era: “*que a não correspondência das forças produtivas com as relações de produção (relações sociais) geraria a necessidade histórica de substituição do modo de produção caduco para um mais progressista*”. E, continuava, “*as relações de produção caducas freiam o desenvolvimento da sociedade*”. E, propõe: *os verdadeiros criadores da história, os produtores de bens materiais, [explica Marx], agem sobre o seu curso, sobretudo pela sua participação no desenvolvimento das forças produtivas. ...mas, não com sua vontade, pois “os homens não escolhem livremente as suas forças produtivas”, tese originária das leituras de Feuerbach.*

Com isso, Marx estabeleceu o princípio de historicidade na ciência, baseado num “estudo verdadeiramente científico dos fenômenos sociais”. Marx, então, é visto como o formulador das *Concepções Filosóficas e Econômicas* que passam a orientar e explicar o movimento do operário, sob o rótulo d’*Os Princípios Fundamentais do Materialismo Histórico*. O modelo de explicação desta concepção deveria vir pela análise dos fenômenos sociais a partir da análise dos processos dialéticos, objetivamente próprios do desenvolvimento da sociedade (a dialética das forças produtivas e das relações de produção, unidade e luta dos contrários sob a forma de antagonismo entre as classes, mudanças qualitativas e quantitativas, evoluções revolucionárias. Tal como se encontra no “*Método da Dialética Materialista*”.

**O TEMPO DE KARL MARX: AS BASES FILOSÓFICAS DA CONCEPÇÃO MATERIALISTA
DA HISTÓRIA
GISELDA BRITO SILVA**

Neste particular ele vai de encontro a Hegel, que fizera da dialética uma propriedade apenas do espírito, da vida espiritual, uma matéria passiva. Marx via a fonte primeira do movimento dialético nos próprios fenômenos materiais, na própria vida objetiva, sendo o desenvolvimento das ideias e dos conceitos apenas um reflexo dos fenômenos sociais. Pela concepção materialista da história ele traduz sua essência: unidade das forças produtivas e das relações de produção, substituição inevitável do modo de produção em consequência das mudanças das forças produtivas que se desenvolvem constantemente. Para ele, o mais importante no movimento da história eram “as forças do trabalhador”. Daí as mudanças deveriam vir desta classe revolucionária, pois, apenas ela seria capaz de mudar.

Marx, neste momento, tem posição clara contra os ideólogos do “socialismo” que envolvem a burguesia na luta do proletariado contra o velho regime. Neste particular, ele estuda com muito afinco as condições históricas de alguns países ainda muitos inserido na Idade Média. Para ele, o conhecimento do desenvolvimento entre o velho regime e as forças pré-capitalistas são fundamentais para, então, se pensar nas condições de superação para um novo estágio do proletariado, sem esta transição não seria possível a luta do proletariado porque estavam ausentes as forças necessárias para uma dialética. Segundo Marx toda força de produção nasce e um dia desaparece. Seria, portanto, um erro considerar que as instituições do sistema feudal eram artificiais e as da burguesia naturais, como defendiam os economistas burgueses.

Para embasar suas teses, Marx propõe uma nova metodologia: *analisar as categorias da economia política*, principalmente a categoria *valor* e sugeria que se buscasse suas origens nos sistemas de troca anteriores e quando os produtos se tornam peça de comércio, para uma melhor compreensão das relações de produção e suas condições para as mudanças. Em *A Miséria da Filosofia*, Marx entende o *valor* pelo tempo do trabalho socialmente necessário gasto para produzir uma mercadoria, neste campo ele formula as teses da *mais-valia*, o trabalho como mercadoria = valor de trabalho, afirmando que não era o dinheiro em si quem criava as contradições do sistema burguês. *O dinheiro não era uma coisa, mas sim uma ‘relação social’*. *Trabalho se torna uma mercadoria, como valor de trabalho, preço de trabalho*.

Estas suas teses passam a ganhar *corpora* e, em 1848, juntamente com Engels, ele trabalha no *Manifesto do Partido Comunista*. Em março de 1848, eles lançam 1.000 panfletos em Paris e no resto da França e na Alemanha. O resto da tiragem distribuiu para outros países, inclusive as Américas. Em abril e maio, a tipografia de Londres imprimiu mais exemplares em várias línguas. As classes no poder começaram a se preocupar com as leituras do *Manifesto*, e em alguns lugares começa o reforço da repressão, enquanto em outros eles ganham mais força.

Assim, o *Manifesto do Partido Comunista* se torna o primeiro documento programático do *Marxismo*, através dele o mundo conhece o pensamento e as teses de Karl Marx. Através dele, Marx ensinava e orientava os proletariados do mundo acerca do caminho da luta para se libertar da escravidão capitalista e a vitória da revolução proletária. Portanto, para os que querem conhecer de forma sistemática as ideias básicas de Marx e seus companheiros de época, uma leitura importante seria o “*Manifesto do Partido Comunista, onde nasce a proposta do Socialismo Científico*”.

Neste documento é possível perceber a concepção de mundo de Marx, a proposta do materialismo, a dialética, a teoria de luta de classes e o papel revolucionário e histórico universal pensado para o proletariado. O documento também reflete o ambiente histórico em que nasceu os medos da burguesia e o ódio que o documento vai

**O TEMPO DE KARL MARX: AS BASES FILOSÓFICAS DA CONCEPÇÃO MATERIALISTA
DA HISTÓRIA
GISELDA BRITO SILVA**

despertando nas classes proprietárias de várias nações. Diziam, “anda um espectro na Europa, o espectro do comunismo”. Todos os poderes da velha Europa se unem na caçada ao *Manifesto*: o papa, o Czar, ideólogos burgueses, radicais franceses, alemães, a polícia, etc. Obviamente, ganham espaço também as calúnias contra o *Manifesto*.

Contra alguns discursos do Estado, Marx também afirma em seus Manuscritos que “*o proletariado não tem pátria ante a ‘defesa da pátria’*”, ao rebater as calúnias de *inimigos das nações* lançadas pelos seus adversários. Dizia ele que “os proletariados não iriam perder uma pátria que não tinham, já que as existentes não lhes pertenciam, mas, às classes que lhes oprimiam”. E, conclui o Manifesto com as seguintes palavras: “*Podem as classes dominantes tremer ante uma revolução comunista! Nela os proletários nada têm a perder a não ser as suas cadeias. Têm um mundo a ganhar.*” Com este documento, portanto, o marxismo se firma como concepção do mundo revolucionário integral. E, suas ideias saem de um campo mais teórico e se tornam uma orientação prática para várias partes do mundo. E, nos anos que vão de 1848 a 1849, suas teses mobilizam grupos, organizações e movimentos de libertação do proletariado.

Nas partes em que ainda sobreviviam o modo feudal de produção começa a se agravar as contradições. Regimes são derrubados. As ideias de Marx se distinguem das velhas ideias revolucionárias do modelo clássico provenientes da Revolução Francesa. Ganha corpo suas teses de “educar o operário no espírito do internacionalismo proletário”.

Defendia ele, neste momento, que a tarefa mais importante da revolução era a *liquidação não só do domínio político da aristocracia, mas também da sua base econômica, a propriedade fundiária da terra*. Daí uma das bases do Programa, naquele momento, eram as **REIVINDICAÇÕES** das cargas feudais, a transformação em propriedade do Estado dos domínios dos príncipes e outros domínios feudais, de todas as minas, etc. As terras nacionalizadas deveriam, no futuro, ser cultivadas no interior de toda a coletividade em processos mais modernos. Previa-se a destruição radical de todas as sequelas do feudalismo mas também a limitação das possibilidades de exploração capitalista dos camponeses, dos pequenos proprietários e rendeiros. Era um programa radical para a época.

Considerações Finais

Marx, portanto, foi o ideólogo da história como movimento. Não apenas ele, pois não estava sozinho em sua caminhada filosófica e prática. Em 28 de setembro de 1864 ele fundou e dirigiu a *I Internacional (Associação Internacional de Trabalhadores)*, uma grande reunião de representantes dos operários ingleses e franceses, bem como de organizações proletárias e democráticas de emigrados, na sala de St. Martin’s Hall, em Londres, local onde sempre ocorriam comícios operários. Nesta reunião, um comitê eleito ficou encarregado de preparar um projeto de Estatutos. Diz-se, que teria sido nesta reunião que Engels teria pronunciado: “*Proletariados de todos os países, uni-vos!*”

Na reunião de Londres, entretanto, houve muitas divergências entre as ideias de Marx e a de outros participantes. Os dirigentes dos operários londrinos defendiam a regularização dos salários, redução da jornada de trabalho e coordenação de lutas grevistas. Outros procuravam “harmonizar” as classes operárias e criar em escala internacional um sistema de crédito sem juros para encorajar a cooperação. Apenas um deles, conhecendo as ideias de Marx, teria defendido a associação internacional como

**O TEMPO DE KARL MARX: AS BASES FILOSÓFICAS DA CONCEPÇÃO MATERIALISTA
DA HISTÓRIA
GISELDA BRITO SILVA**

um instrumento de luta contra o regime capitalista de exploração existente. Abria-se assim para Marx e Engels a possibilidade de materializar a ideia de uma associação como um movimento internacional socialista que deveria ser conhecida não apenas por todos os proletariados, da burguesia e dos governos.

Contudo, apesar dos embates, através dos representantes de Londres, França e Alemanha, Karl Marx divulga para o mundo a *I internacional* como um primeiro plano na história da luta revolucionária de libertação do proletariado. Neste dia, Marx foi eleito para o diretor do comitê (Conselho Central) e encarregado de redigir o projeto de *Estatutos Provisórios e do Programa*. Houve várias discussões na definição do estatuto e do projeto do proletariado, alguns deles defendendo, inclusive, a luta do proletariado como base de ascensão democrático burguês, como os baseados nas ideias de Mazzini, italiano e bastante representado no Comitê.

Marx reuniu em sua casa um grupo e reformulou completamente o documento proposto por Mazzini. A proposta de Marx era não fechar um projeto só para os operários franceses, só ingleses, só italianos ou só alemães. A meta era propor um projeto que envolvesse a todos e que mobilizasse ações conjuntas e, principalmente, a adoção de um programa único, baseado nos princípios do comunismo científico. Na Mensagem Inaugural, documento redigido por Marx, a parte introdutória formulava as teses programáticas de base do movimento proletário, a emancipação da classe operária conquistada pelos próprios operários e, principalmente, a supressão de toda dominação de classe como a base da luta de classe. A luta política contra todas as classes dominantes era o caminho para a libertação do jugo do sistema capitalista, baseado na dependência econômica do trabalhador e sob o controle dos donos dos meios de produção. A união de classe e o internacionalismo proletário são apontados como os princípios vitais do movimento operário em todo o mundo. Engels propõe que a mensagem de Marx se torne uma ação obrigatória das classes e pede um apanhado do destino da classe operária de 1848 a 1864.

Marx tem, portanto, uma situação política e um campo de reflexões teórico-metodológicas e filosóficas para ser pensado dentro de cada uma delas e, ao mesmo tempo, na confluência de todas elas. A história se beneficiou, ainda, de seus escritos sobre a *Comuna de Paris*. Os anos de 1870 e 1871 foram marcados por acontecimentos de significado histórico com repercussões mundiais, analisados por Lenin como “movimento imperialista”. A guerra franco-alemã enfraqueceu as classes dominantes e favoreceu a revolução proletária em Paris, criando-se um Estado Proletário sob a forma da Comuna de Paris. Este fato se tornou um emblema mundial para outros proletariados. Mas, muitos acreditavam que as massas atuaram sem ter noção dos seus significados.

Marx interpreta, então, os fatos que participou de perto, de modo a orientar as leituras e ações em outros espaços. Juntamente com Engels, organizou um movimento para apoiar a Comuna de Paris e após sua queda, continuou a ajudar as vítimas dos versalheses, recebendo os emigrados da Comuna. Por sua vez, as guerras serviram para que os operários percebessem suas situações nos países em guerra. Através de Cartas os membros do Conselho divulgavam em outros lugares um pedido de apoio a Comuna, que além do apoio, tornou-se emblemática para a luta de classe em outras situações e revoluções, particularmente na França, também impactada pelas guerras com a Alemanha.

Para nós historiadores, é particularmente importante os estudos de história universal de Marx, através da qual propõe uma análise dos diversos problemas da história do capital. Para ele era importante examinar as relações agrárias e a formação

**O TEMPO DE KARL MARX: AS BASES FILOSÓFICAS DA CONCEPÇÃO MATERIALISTA
DA HISTÓRIA
GISELDA BRITO SILVA**

da renda da terra, por sua vez, este estudo requeria uma história das origens e do desenvolvimento da propriedade da terra entre os povos. Em suas pesquisas sobre a propriedade rural ele verifica que entre os povos antigos, ela constituía uma célula de base de sistema de relações de produção do tipo “modo de produção asiático”, como ele explica no prefácio de “Para a Crítica da Economia Política” (1859). Conforme seus estudos, este tipo de modo de produção conservou-se nos países orientais mesmo na Idade Média. Era sobre este mundo isolado, que Marx chama de Comunidade Rural (“microcosmo localizado”), que os Estados despóticos antigos e medievais assentavam seu poder. A partir daí, Marx vai aprofundando seus estudos históricos sobre a propriedade comunitária da terra na Ásia, na Europa, na África e na América e defende que as comunidades eram formas sociais universais. Também dedica muita atenção ao regime comunitário da Rússia, a partir de leituras de obras de historiadores daquela nação.

Nesta parte de seus estudos, Marx passou a considerar as Comunidades uma forma antiga de instituição social, que teria começado com relações primitivas, baseadas nos laços de consanguinidade e na propriedade comum dos meios de produção. No processo de decomposição da sociedade primitiva e transição, a comunidade transforma-se de instituição tribal para territorial. Os seus membros passam a trabalhar na terra individualmente, casas e gados tornam-se propriedade privada. Mas, a terra continua propriedade comum, distribuída periodicamente pelas famílias; as terras comunitárias continuam a ser utilizados coletivamente. A evolução varia entre os diferentes povos, segundo suas particularidades, chamado por Marx de “Meio Histórico”.

Marx também observou como a situação da terra se mantinha nos países onde não havia transitado para uma situação pré-capitalista. Juntamente com Engels, ele elabora, para o campo da História, uma compreensão das sociedades antigas primitivas. Neste momento, deu destaque aos trabalhos de Morgan sobre a “Sociedade Antiga” e considerou que seus estudos iriam orientar as ações para a transformação das sociedades ainda feudais e as que já tinham ingressado no capitalismo industrial. E, na mesma direção, se interessou pelas rivalidades coloniais dos Estados capitalistas em direção à Ásia e África, conferindo novo momento ao tema da dominação sobre povos colonizados e suas lutas pela libertação.

Outro foco de seus estudos históricos era o povo irlandês, considerados mártires da Inglaterra. Seus textos assumiam uma posição de protesto contra o julgo dos países colonizados, reforçando sua ideia de internacionalização da luta de classes dos indivíduos, para os grupos e para as nações. Marx estudou, portanto, também o tema da colonização e chamava os colonizadores de “celerados sugadores de sangue”. Aborda a situação da Índia, da China, da África e das Américas. Num certo estágio, Marx tentou fazer um panorama de sua compreensão histórica dos países, ainda que a partir da Europa. Mas, a saúde já lhe limitava. Contudo conseguiu deixar quatro grandes cadernos de notas sobre a história universal, que abrangiam do século I ao XVII que, segundo seus seguidores, é de espantar sua capacidade intelectual.

Os movimentos revolucionários se espalharam em finais da década de 1880, Marx e Engels acompanhavam e orientavam as lutas em busca de uma “sociedade socialista” de orientação material. Da mesma forma que acompanhavam os conflitos internos dos movimentos revolucionários em toda parte, Marx e Engels não deixariam de estudar também a situação da Rússia diante das guerras, da fome, dos invernos rigorosos e da especificidade de sua situação econômica de base burguesa rural. Em

**O TEMPO DE KARL MARX: AS BASES FILOSÓFICAS DA CONCEPÇÃO MATERIALISTA
DA HISTÓRIA
GISELDA BRITO SILVA**

seus escritos, ele não deixaria de abordar a espoliação do povo pelo Czar, as lutas contra os latifundiários.

A grande propriedade latifundiária era, para Marx, o grande problema da Rússia, que imprimia um mundo de miséria ao povo. Observava as contradições entre a Rússia oficial e a Rússia revolucionária crescendo, começa a se interessar por reforçar suas teses com a situação russa e previa: que a Rússia faria uma grande revolução. Contando, como sempre com o apoio do amigo, Engels, ele apoia os pensadores revolucionários russos e envia-lhes sempre suas impressões e orientações. Há muitas divergências como sempre acontece no campo das ideias e das propostas de solução em situações de grandes tensões, como os momentos da guerra da década de 1870 na Rússia, principalmente entre os movimentos populistas. Mesmo assim, ele tentou ajudar a resolver os conflitos internos dos revolucionários russos. Plekhánov, o iniciador do *Manifesto do Partido Comunista* na Rússia, acreditava que somente a doutrina de Marx podia levar o movimento operário russo para o caminho certo. Em 1883, ele fundou o primeiro grupo marxista da Rússia.

Em 1881, Jenny, esposa de Marx falece. O fato tem sobre ele um grande impacto. A partir daí suas noites de insônia são acompanhadas de muita tosse com o problema da bronquite crônica. Em 1882, volta para Londres para buscar novos ares. Nesta cidade ele retoma seus trabalhos científicos. Os médicos, contudo, aconselham que ele vá para a Argélia. Em 1883, perde uma de suas filhas, Jenny, a mais velha e mãe de cinco crianças aos 38 anos. O fato lhe provoca grande depressão nervosa, acompanhada de tosses. E, em 14 de março de 1883, Marx falece. A notícia de sua morte se espalhou pelo mundo inteiro. Amigos e inimigos reconheciam sua força e capacidade intelectual. Nos meios operários e socialistas ele foi saudado, enquanto entre os burgueses era caluniado. Intelectuais progressistas de várias partes do mundo mandaram mensagens. Ele foi sepultado no dia 17 de março, num cemitério reservado a pessoas banidas e rejeitadas pela Igreja. Neste momento, Engels pronunciou: “O seu nome sobreviverá pelos séculos e a sua obra também!”.

E, assim foi. O século XX foi de concretização de suas ideias, muitos guiaram revoluções e movimentos sociais sob a orientação de suas teses, que ofereceu à história mais do que um campo metodológico e teórico, suas ideias promoveram fatos concretos na história. O marxismo cresceu na academia e entre os grupos revolucionários de organização dos operários, líderes de partidos, governos assumiram com suas ideias e também as combateram. O marxismo se tornou uma bandeira de luta dos trabalhadores do mundo inteiro, ou pelo menos assim defenderam os seguidores de Marx.

Após sua morte, Engels prosseguiu com a elaboração da concepção científica do mundo, que ganha destaque na teoria marxista-leninista. As Internacionais seguiram a orientação da primeira com Marx como seu grande representante. A Engels coube apontar as novas tendências do desenvolvimento do capitalismo, os caracteres reformistas da burguesia. Lenin deu seguimento, aprofundando os estudos do Imperialismo, fase superior do Capitalismo (1916) e luta contra as adulterações de suas ideias por revisionistas. Na Rússia, Lenin se tornou um grande defensor de suas ideias, orientando a “Revolução Russa de 1917” e implantado o socialismo, que ele acreditava seria igual ao defendido por Marx. Também o marxismo-leninismo se torna uma doutrina internacional, neste momento, reafirmando as concepções do materialismo histórico de origem marxista, tornando-se um guia para os comunistas e a ação revolucionária que procuravam propagar para várias partes do mundo, contribuindo para a implantação da *Ditadura do Proletariado*.

**O TEMPO DE KARL MARX: AS BASES FILOSÓFICAS DA CONCEPÇÃO MATERIALISTA
DA HISTÓRIA
GISELDA BRITO SILVA**

Esperamos ter despertado o interesse para a importância dos retornos ao tempo das ideias como condição para uma melhor compreensão delas.

Notas

^I Doutora em História e Docente do Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Professora de Teoria e Metodologia da História da Graduação e da Pós-Graduação. Principais publicações cf. endereço CV: <http://lattes.cnpq.br/2327404253426354> - Última atualização do currículo em 24/07/2014.

^{II} MANDEL, Ernesto. *O Lugar do Marxismo na História*. São Paulo: Xamã, 2001, p 07 .

^{III} Idem. pp 12.

^{IV} Idem. pp.09-16.

^V MOSCOVO, 1973

^{VI} LISBOA, 1983

Referências Bibliográficas

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor,1988.

MANDEL, Ernesto. **O Lugar do Marxismo na História**. São Paulo: Xamã, 2001.

MARX, Karl. Biografia. MOSCOVO: Edições Progresso; LISBOA: Edições Avante!”, 1983.

_____. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

_____; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Londres, 1848.